

XXIX Congresso latino americano de Sociologia
29 de setembro a 04 de outubro de 2013, Santiago, Chile

Grupo de Trabalho 11 – Gênero, Desigualdade e Cidadania

Juventude e Violência de Gênero

Ana Carolina Maciel de Assis Chagas (PUC Minas)
Alessandra Sampaio Chacham (PUC Minas)

Resumo

Este trabalho é fruto de um recorte analítico de uma pesquisa realizada em 2012 entre alunos de escolas públicas da cidade de Belo Horizonte, a fim de investigar a relação da violência vivida por jovens, de 14 a 24 anos, com as suas capacidades de decisão e projetos de vida, fazendo uma comparação entre as experiências de homens e mulheres. A análise dos 912 questionários aplicados revela pequena relação entre as variáveis sócio demográficas e os episódios de violência, porém forte associação nas diferenças entre homens e mulheres, revelando assimetrias de gênero que salientam a necessidade de se intensificar o debate sobre o tema, difundir informações e fortalecer a discussão acerca da vulnerabilidade juvenil em relação à violência urbana e doméstica.

Palavras Chaves: Gênero; Juventude; Violência.

Introdução

O presente estudo é fruto de um recorte analítico realizado a partir da base de dados da pesquisa “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, que objetivou investigar as configurações de diferentes juventudes no cenário contemporâneo e o modo como se apropriam das tecnologias e culturas digitais. Para tanto o *survey* foi composto por diversos blocos/questões, a saber: variáveis de caracterização do local de moradia/domicílio do entrevistado, características sócio demográficas, situação escolar e conhecimentos extra curriculares, situação laboral (trabalho remunerado e doméstico), questões referentes à descrição do cotidiano dos jovens, autonomia e participação social, questões sobre sexualidade e reprodução, situações de violência/discriminação e projetos/planos futuros dos entrevistados.

Foram entrevistados 912 alunos de escolas públicas, moradores de regiões periféricas, e a partir dessa ampla base de dados, este trabalho propôs investigar a relação da violência vivida por estes jovens, de 14 a 24 anos, com as suas capacidades de decisão e projetos de vida, fazendo uma comparação entre as experiências de homens e mulheres. A hipótese, no caso das mulheres, é que diferentes arranjos familiares, particularmente naqueles que as jovens estabelecem parcerias conjugais ainda na adolescência, aumentam a susceptibilidade das mesmas à violência de gênero, bem como também que há conexões entre os episódios de controle e violência com a inserção no mercado de trabalho, o grau de participação social, a mobilidade/autonomia e projetos futuros. Já entre os homens, a hipótese é de que os processos de socialização de gênero aos quais os mesmos são submetidos os deixa mais vulneráveis à violência urbana.

No mundo inteiro, os jovens são os grandes protagonistas da violência, tanto como autores quanto como vítimas. E atualmente está temática é, infelizmente, uma das mais frutíferas no campo das ciências sociais no Brasil. E este drama não ocorre de forma aleatória. A maior vitimização está entre jovens pobres e negros. Segundo Soares (2004), o problema alcançou um ponto tão grave que já há um *déficit* de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica brasileira.

A discussão acerca da relação entre juventude e violência nos leva a distintos horizontes, de acordo com a forma como a analisamos. No caso deste trabalho, cujo objetivo é comparar a experiência

de homens e mulheres, é importante destacar que as diferentes estruturas sociais que permeiam a vida de meninos e meninas os fragilizam ou os protegem de forma diferenciada, expondo-os a diferentes riscos sociais e vulnerabilidades. O que há em comum, entre os dois grupos, é a questão da desigualdade social – quanto maior a desestruturação familiar, o desemprego, a falta de acesso à educação e à cultura, ao esporte, ao lazer, entre outros, maior também a degradação da auto-estima e maior as chances de envolvimento em situações de violência urbana, doméstica e criminalidade. Zaluar (2009) revela, em pesquisa realizada no Rio de Janeiro, que as manifestações de violência contra homens e mulheres acima de 15 anos de idade, são três vezes maiores na favela, em relação ao restante da cidade, bem como é também maior entre pessoas de cor/raça preta ou parda e de menor escolaridade.

Os jovens do sexo masculino tendem a ser cooptados pelo tráfico de drogas e de armas, que é a dinâmica criminal que mais cresce nas regiões metropolitanas brasileiras (SOARES, 2004). Este tipo de crime organizado tiraniza as comunidades pobres e recruta as crianças, adolescentes e jovens, que passam a vê-lo não só como um meio econômico de vida, mas também como um estilo cultural, já que este tipo de conduta reafirma a postura viril de um homem perigoso, os tira da invisibilidade, muitas vezes causada pela indiferença e faz deles “alguém”, se tornando uma virtude pessoal.

Já no caso das jovens mulheres, as mesmas são vítimas de uma violência menos conhecida publicamente, mas intensamente vivida na privacidade, que é a violência de gênero. Normalmente, a falta de projetos relacionados à escola e ao mercado de trabalho, naturaliza a cultura da mulher em casa, cuja perspectiva comum é casar e ter filhos. Além disso, a violência doméstica, o racismo e a homofobia, bem como destaca Soares (2004), são crimes que se mantêm à sombra da lei, sob o manto da negligência.

Zaluar (2009) sinaliza bem esse cenário, ao encontrar, na cidade do Rio de Janeiro, padrões diferenciados da violência sofrida por homens e mulheres. Entre os homens envolvidos em algum episódio de agressão, mais de 70% estava em locais públicos, como bares, casas noturnas, bailes e estádios. Já entre as mulheres, quase 60% foram agredidas em espaços domésticos ou privados. A maioria das mulheres conheciam seus agressores próximos e íntimos (que são homens, em grande parte dos casos), o que comprova o caráter familiar ou privado das agressões sofridas. Os homens, ao contrário, em geral não os conhecem. Simplificando, as mulheres estão mais propensas a apanhar de homens mais próximos (por obediência ou medo) e os homens são mais propícios a brigar entre si, conhecendo-se ou não, já que no universo masculino, assim como ressalta Bourdieu (2007), há uma recusa a qualquer tipo de submissão, sendo essa a lógica da dominação masculina, vista em nossa sociedade como algo “natural”.

Esse cenário de desigualdade de gênero é uma violência simbólica cultural, sendo que os dominantes garantem o controle ideológico dos dominados, de tal forma que suas posições são inquestionáveis, como um conjunto de regras nem escritas e nem ditas, mas que surgem como uma prática social estável e normal. Dessa forma não há dúvida de que as diferenças entre os padrões de agressões entre homens e mulheres acabam por influenciar no fato de denunciarem ou não a agressão sofrida. A possível continuidade da relação com o agressor inibe as mulheres de registrarem ocorrência, e por fim as mesmas acabam negociando ou usando meios próprios para resolver o problema (Zaluar, 2009). Na apresentação dos resultados da pesquisa cujos dados são trabalhados neste estudo, veremos como essas questões permeiam algumas realidades específicas.

Metodologia

Na pesquisa “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo” realizou-se um *survey*, com aplicação de 912 questionários com adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos, alunos de escolas públicas e moradores de regiões periféricas de Belo Horizonte. O que ora se apresenta é um

recorte dentro da investigação realizada referente aos episódios de violência vivenciados pelos jovens entrevistados, comparando o grupo de meninos e meninas, utilizando-se de dados quantitativos.

Na análise, como poderá ser visto adiante, além do recorte de gênero, ênfase especial foi dada às interseções entre grupos etários, raça/cor, renda, local de moradia, arranjo familiar, mobilidade/autonomia, participação em trabalhos assalariados e/ou domésticos, história reprodutiva e planos futuros. O objetivo principal é aprofundar o entendimento sobre a relação de todas essas variáveis no que tange aos episódios de violência vivenciados pelos entrevistados. Todos os dados desse levantamento foram digitados e analisados no *SPSS (Statistical Package for Social Sciences)*. A análise dessas informações foi bi-variada, de caráter descritivo e analítico.

Principais características da amostra selecionada e alguns resultados

Os dados acerca do perfil social, econômico e demográfico dos adolescentes e jovens entrevistados são apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1 - Características socioeconômicas e demográficas de adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais. 2012.

	Média ou percentual (%)
Sexo	
Feminino	51,4%
Masculino	48,6%
Recorte etário	
14 a 19 anos	94,5%%
20 a 24 anos	5,5%
Numero médio de pessoas por domicilio	4
Chefe da família	
Pai	33%
Mãe	36%
Pai e Mãe	12%
Avós	5%
Tios	2,5%
Padrasto	2,1%
Entrevistado(a)	1,4%
Irmão(a)	1,3%
Padrasto e mãe	1,2%
Companheiro(a)	1%
Madrasta e o pai	0,8%
Entrevistado(a) e companheiro(a)	0,7%
Outro parente	3,1%
Rendimento médio mensal familiar	R\$2426,00
Rendimento médio mensal per capita	R\$606,50
Rendimento mensal familiar agregado	
Até 2 salários mínimos	22%
De 2 a 3 salários mínimos	22%
De 3 a 5 salários mínimos	25,5%
Acima de 5 salários mínimos	17%
NS/NR	13,5%

Fonte: “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, Belo Horizonte, Brasil, 2012.

Os entrevistados apresentaram uma caracterização socioeconômica que denota certa estabilidade: grande parte mora em residências próprias, com amplo acesso a computador, internet, etc, e tem uma renda média mensal familiar de R\$2.426,00 – o que representa quase um salário mínimo per capita, já que a média de moradores das residências é de quatro pessoas. Já em relação à renda do responsável pelo domicílio, a maioria (32%) se concentra na faixa entre um e dois salários mínimos, o que pode ser considerado baixo em relação ao rendimento total familiar.

Essa diferença pode ser explicada pelo grande número de jovens que vive em domicílios chefiados pela mãe (36,3%), já que infelizmente vivemos em uma realidade de grande desigualdade de gênero no mercado de trabalho. A maioria das residências cujas responsáveis são elas, se concentra na faixa de renda de até dois salários mínimos. Já entre aqueles jovens que declararam viver em residência chefiada pelo pai, a maior parte tem renda familiar entre três e cinco salários mínimos.

Em relação à raça/cor a maioria se declarou parda, de acordo com as categorias de cor/raça utilizadas pelo censo brasileiro IBGE – branco, pardo, preto amarelo ou indígena. De uma forma geral, no momento da entrevista, apenas 3% dos entrevistados estava casado ou unido - sendo 2% de jovens do sexo masculino e 4,5% entre as mulheres. Entre os jovens que não estavam casados ou unidos no momento da entrevista, a maioria também não estava namorando e 20% nunca namoraram. Quando se separa por sexo vemos que o namoro é mais comum entre as meninas. Entre elas 42% estavam namorando no momento da entrevista, entre os homens esse número cai para 28%. Esse aspecto também nos remete à socialização de gênero, já que são comuns entre as mulheres os planos referentes ao matrimônio e formação de família.

Quando perguntados pela religião na qual nasceram, 49% citou o catolicismo. Já na religião atual declarada, predomina o número de pentecostais ou evangélicos (41%), seguido de católicos (36%). Esse número está bem abaixo da média nacional, que é de 65% de católicos, segundo dados do IBGE (2010). É alto o número de jovens que declarou não ter sido criado em nenhuma religião (10%), bem como também é alto o número de jovens que atualmente se declara na mesma situação (17%).

Apenas 12% dos entrevistados já parou de estudar – tanto entre meninos, como entre meninas – e entre estes, a maioria o fez uma única vez. O motivo mais citado para interrupção dos estudos foi não gostar da escola/não gostar de estudar (35%). Em uma escala de ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo, a maioria dos estudantes considerou o próprio desempenho escolar como bom, bem como a maioria também considerou boa a frequência e pontualidade à escola. Essa avaliação é comum aos jovens dos dois sexos.

De maneira geral, mais da metade dos entrevistados (56%) não estava trabalhando no momento da entrevista e entre estes 64% nunca exerceu nenhum tipo de atividade remunerada. Entre os que trabalham, como era de se esperar, há uma diferença significativa das características de homens e mulheres. Entre os 43% que estava participando do mercado de trabalho, a maioria é do sexo masculino. Entre os que não estavam trabalhando, 55% dos meninos nunca trabalhou, já entre as meninas esse número sobe para 70%. Esses dados nos remetem à importância do trabalho na socialização e formação identitária dos adolescentes e jovens do sexo masculino.

Grande parte dos jovens que trabalhava, (46,2%), tinha carteira assinada, mas a média da remuneração (R\$552,70) ficou abaixo do salário mínimo, que à época estava em R\$622,00. Porém, como já anteriormente mencionado, com as fortes assimetrias de gênero ainda tão presentes no mercado de trabalho, o salário médio entre os homens é de R\$602 e entre as mulheres cai para R\$494. O segmento de trabalho mais comum entre eles é o de serviços e entre elas o comércio.

A maioria dos jovens que tem renda disse dispensar parte do dinheiro para compra de artigos de higiene pessoal, roupas, acessórios, material escolar e lazer. Em relação às despesas de casa, grande parte disse comprar alimentos, mas a maioria não contribui com as demais despesas da residência (como água, luz, aluguel, etc).

Tabela 3 - Características socioeconômicas e demográficas de adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais. 2012.

	Percentual (%)
Cor/raça	
Branca	24%
Parda	48%
Preta	23%
Outra	5%
Já parou de estudar	12%
Principal motivo para terem parado de estudar	35%
Não gostava da escola/de estudar	10%
Adoeci/Problemas de doença na família	9%
Engravidou	9%
Precisou trabalhar para ajudar a família	8%
Greve	7%
Me mudei de cidade/de bairro	6%
Não tinha escola/vaga	6%
Quis trabalhar	5,5%
Outros	3,5%
NS/NR	
Está trabalhando	43%
Religião atual	
Católica	36%
Evangélica/Pentecostal	41%
Protestante	3%
Espírita	1%
Sem religião	17%
Outra	1,5%
Estado conjugal	
Casados ou unidos	3%
Solteiros	97%

Fonte: “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, Belo Horizonte, Brasil, 2012.

Em relação ao trabalho doméstico é imensa a disparidade entre o sexo masculino e feminino. Os meninos declararam, em média, dedicarem 4 horas semanais ao trabalho doméstico. Entre elas, esse número quase triplica, chegando a 11 horas por semana.

Sair com os amigos, ir ao shopping, à igreja, ficar em casa usando o computador/internet, praticar esportes e sair com o/a namorado/a foram as opções de lazer mais citadas pelos entrevistados, de maneira geral. Atividades culturais como cinema, teatro, apresentações de dança e música e exposições de arte, foram pouco citadas, bem como foi também pouco citado idas à barzinhos/restaurantes, boates/casas noturnas e viagens.

A frequência com que bebem e/ou fumam foi declarada com quase a mesma frequência entre homens e mulheres. Porém quanto ao uso de drogas, 12% deles disse já ter experimentado alguma, entre elas apenas 6%. A maconha é a droga mais comum, entre os dois grupos.

Em relação à mobilidade, os dados corroboram a discussão acima apresentada, das diferenças de gênero em relação à forma como homens e mulheres circulam pela cidade e se apropriam de seus equipamentos. A autonomia dos homens é consideravelmente maior do que a das mulheres, sobretudo

para ir à casa de amigos, boates/casas noturnas e para viajar. Quando perguntados se podem ir a qualquer lugar sozinhos, 37% dos meninos disse que sim, contra apenas 16% delas.

Contudo, a maioria entre ambos os grupos disse nunca ter sido proibido de frequentar algum lugar. Entre os que já foram são os pais que exercem esse controle, sobretudo em relação às saídas noturnas, festas, boates, etc. Os pais também são os que mais já proibiram os filhos de terem alguma amigo/amiga e que determinam hora para os mesmos chegarem em casa, sendo novamente as meninas mais controladas. Vale ressaltar que o controle materno/paterno tende a exercer efeitos positivos na vida dos jovens, e os meninos, por serem menos controlados, acabam ficando mais expostos à violência urbana.

Tabela 3 – Mobilidade e autonomia entre adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais. 2012.

	Percentual (%)	
	Meninas	Meninos
Já experimentou alguma droga	6%	12%
Pode ir sozinho		
Fazer compras	83%	91%
Ao médico	94%	78%
À casa de amigos	66%	98%
Na casa de familiares	95%	99%
Ao shopping	78%	92%
Ao cinema/Teatro	84%	96%
Shows e Boates	35%	65%%
Viajar para outra cidade	30,5%	52%
A qualquer lugar	16%	37%
Já foi proibido de frequentar algum lugar	44%	38%
Já foi proibido de ter algum amigo/amiga	37%	23%
Alguém determina/ou hora para chegar em casa	64%	39%

Fonte: “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, Belo Horizonte, Brasil, 2012.

Já em relação às informações sobre sexualidade, percebemos que o acesso de meninos e meninas às mesmas é quase uniforme. As únicas pequenas diferenças referem-se ao fato das mulheres terem uma tendência maior de receber informações sobre sexo com a mãe e os homens com o pai e que elas sabem, em um número maior, quando é o período fértil, embora eles tenham declarado com mais frequência, já ter tido a primeira relação sexual.

Tabela 4 – Informação sobre sexualidade entre adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais. 2012.

	Percentual (%)	
	Homens	Mulheres
Já teve aula de educação sexual na escola	65%	68%
Teve as primeiras informações sobre sexo com	32%	52%
A mãe	27,5%	10%
O pai	22%	23%
Os Amigos ou irmãos	2,5%	1%
O/A Companheiro/a	24%	25%
Na escola	2,5%	4%
Na internet	1%	1%
No centro de saúde	10%	8,5%
Outra pessoa	8%	3%
Sozinho	5%	2%
Não sabe/não lembra	5%	14%
Sabe quando é o período fértil	58%	46%
Já teve relações sexuais	15	15
Idade média na primeira relação sexual	17	20
Idade média do/a parceiro/a na primeira relação		

Fonte: “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, Belo Horizonte, Brasil, 2012.

Após a exposição de algumas tabelas de frequências, passamos a análise para as tabelas de contingências (dupla entrada de variáveis), referentes ao tema que aqui nos interessa – a violência de gênero e por gênero. Procedemos com o uso do teste Qui-quadrado, um teste de hipótese não-paramétrico, adequado à interpretação dessas tabelas. Foram feitas comparações entre o grupo de homens e mulheres em relação ao envolvimento dos mesmos em episódios de violência (em que os mesmos tenham sido vítimas ou agressores).

A tabela abaixo ilustra de forma clara toda a discussão teórica apresentada neste trabalho. As correlações foram significativas em todos os casos, já que os homens se envolvem, muito mais que as mulheres, em episódios de violência, e suas vítimas ou agressores fazem parte de um contexto diferente do vivenciado pelo público feminino. Quase a metade dos meninos entrevistados já agrediu alguém, sendo os colegas/amigos de escola, as vítimas mais comuns. Entre as mulheres, 27,5% declararam já ter agredido alguém. Assim como entre os homens, entre elas, é alto o número que já agrediu colegas de escola, porém entre o público feminino as agressões domésticas (irmãos, parentes e companheiros/namorados) é muito mais frequente.

Em relação aos episódios em que os entrevistados foram agredidos, o cenário é bastante parecido. Um número bem maior de homens já agrediu alguém – 40% entre eles e 23% entre elas. A escola, novamente, aparece como o grande lócus da violência, em ambos os grupos. E novamente a violência doméstica é consideravelmente alta entre as mulheres, o que corrobora a nossa hipótese inicial, de que os homens, por terem mais liberdade, desde tenras idades, acabam ficando mais desprotegidos e logo mais expostos à violência urbana e que as mulheres não ficam imunes a este drama, já que a violência doméstica as assola ainda de forma dramática.

Tabela 5 – Violência entre adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais. 2012.

	Homens	Mulheres
Já agrediu alguém*	47%	27,5%
Quem você agrediu*		
Colega de escola	52%	45%
Amigo/Colega	15%	8,5%
Colega de rua/bairro	9%	4,5%
Irmão/ã	7%	21,5%
Companheiro/Namorado	0	7,5%
Estranhos/Desconhecidos	7%	3%
Parentes	2,5%	5%
Outros	5%	0
NS/NR	2,5%	5%
Já foi agredido/a*	40%	23%
Por quem foi agredido*		
Colega de escola	49,5%	32,5%
Amigo/Colega	16,5%	6,5%
Colega de rua/bairro	8,5%	2%
Irmão/ã	3%	4,5%
Companheiro/Namorado	1%	10%
Estranhos/Desconhecidos	8,5%	2%
Parentes	7%	33%
Outros	4%	2,5%
NS/NR	2%	7%

Fonte: “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, Belo Horizonte, Brasil, 2012.

* Correlação significativa quando p-value=0,05 ou menor.

Os entrevistados também foram perguntados a respeito de episódios de discriminação. Um número próximo de homens e mulheres respondeu que já se sentiu discriminado, 33% e 38%, respectivamente. Mais uma vez a escola aparece como a grande vilã neste cenário – mais da metade dos entrevistados disse ter sido vítima de preconceito por um colega de escola. Em ambos os grupos o principal motivo pelo qual foram discriminados refere-se à raça/cor, 25% entre eles e 18% entre elas. O que há de interessante de se observar é que entre os meninos é mais comum terem sido discriminados por causa da classe social e entre as meninas por questão estética, o que corresponde a expectativas sociais típicas da estrutura desigual de gênero – em que o homem deve ser o provedor e logo prover melhores recursos econômicos, enquanto as mulheres são idealizadas de acordo com padrões de beleza socialmente determinados.

No questionário feminino também foi perguntado se elas já foram vítimas de violência sexual e 3% declararam que sim. Entre estas, 36% foi vítima de algum parente, 29% de algum amigo, conhecido ou vizinho e 7% foi abusada pelo namorado, o que mais uma vez denota o caráter familiar e privado das agressões sofridas pelas mulheres, o que é um complicador, já que um agressor próximo e conhecido não só aumenta a vulnerabilidade das vítimas, mas também inibe ou coíbe as suas capacidades de pedir algum tipo de ajuda ou denunciá-los.

Tabela 6 – Prevalência de agressões sofridas por adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais. 2012.

Características Sócio demográficas	Homens N=443			Mulheres N=469		
	N	%	p.value	N	%	p.value
Religião						
Nenhuma	87	48,3	0,000	64	32,8	0,019
Católica	154	24,7		178	15,7	
Pentecostal/Protestante	193	47,2		210	26,2	
Orientação Sexual						
Heterossexual	428	39,6	0,279	449	22,7	0,262
Homo/Bissexual	15	60,0		19	31,6	
Responsável pelo domicílio						
Mãe	175	44,0	0,666	186	26,9	0,040
Pai	154	38,3		150	16,0	
Pai e Mãe	59	33,9		51	19,6	
Outro parente/responsável	55	40,0		82	29,3	
Renda Familiar						
Até 2SM	75	29,3	0,131	121	24,0	0,204
De 2 a 3 SM	94	42,6		108	24,1	
De 3 a 5 SM	134	43,3		100	24,0	
Mais de 5 SM	90	47,8		66	13,6	
Idade agregada						
14 a 19 anos	414	39,4	0,414	447	22,8	0,541
20 a 24 anos	29	51,7		21	28,6	
Cor/Raça						
Branços	114	43,9	0,800	106	20,8	0,279
Pretos	115	38,3		91	19,8	
Pardos	193	38,3		247	24,7	
Estado Civil						
Solteiro/a	434	39,9	0,633	448	22,3	0,093
Casado/a	9	55,6		21	38,1	

Fonte: “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, Belo Horizonte, Brasil, 2012.

* Correlação significativa quando p-value=0,05 ou menor.

Na tabela acima observamos que os jovens que não tem religião tem uma maior probabilidade de já terem sido agredidos fisicamente, enquanto os católicos tem menor probabilidade. Os homossexuais e bissexuais também tem uma tendência maior de já terem sofrido agressões, entre homens e mulheres. As variáveis, responsável pelo domicílio, renda familiar, cor/raça e faixa etária não tiveram correlação com a violência. O estado conjugal de fato tem relação com a vulnerabilidade dos jovens. Estar casado aumenta a susceptibilidade de já terem agredido alguém, bem como de já terem sido agredidos (conforme tabela abaixo).¹

¹ No caso deste trabalho, como o número de jovens casados é muito pequeno, retratamos apenas uma tendência e não uma probabilidade, o que já está explícito pelo resultado negativo do teste de correlação.

Tabela 7 – Prevalência de agressões cometidas por adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais. 2012.

Características Sócio demográficas	Homens N=443			Mulheres N=469		
	N	%	p.value	N	%	p.value
Religião						
Nenhuma	87	58,6	0,000	64	39,1	0,014
Católica	154	33,8		178	23,0	
Pentecostal/Protestante	193	51,3		210	26,7	
Orientação Sexual						
Heterossexual	428	47,2	0,981	449	26,3	0,010
Homo/Bissexual	15	46,7		19	57,9	
Responsável pelo domicílio						
Mãe	175	49,7	0,586	186	30,6	0,105
Pai	154	42,9		150	18,7	
Pai e Mãe	59	44,1		51	33,3	
Outro parente/responsável	55	54,5		82	32,9	
Renda Familiar						
Até 2SM	75	44,0	0,386	121	28,1	0,690
De 2 a 3 SM	94	43,6		108	23,1	
De 3 a 5 SM	134	47,0		100	30,0	
Mais de 5 SM	90	55,6		66	30,3	
Idade agregada						
14 a 19 anos	414	46,6	0,655	447	27,1	0,534
20 a 24 anos	29	55,2		21	38,1	
Cor/Raça						
Branços	114	47,4	0,771	106	25,5	0,725
Pretos	115	45,2		91	28,6	
Pardos	193	49,7		247	27,5	
Estado Civil						
Solteiro/a	434	47,0	0,872	448	27,0	0,530
Casado/a	9	55,6		21	38,1	

Fonte: “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, Belo Horizonte, Brasil, 2012.

*Correlação significativa quando p-value=0,05 ou menor.

Os jovens entrevistados que declararam não ter religião também tem uma probabilidade maior de já terem agredido alguém fisicamente (e os católicos menor probabilidade). Novamente as variáveis, responsável pelo domicílio, renda familiar, grupo etário e raça/cor, não apresentaram correlação, bem como é o caso da variável estado civil. Mas neste caso os casados também tem uma tendência maior de já terem cometido algum ato de violência.

Tabela 8 – Prevalência de agressões sofridas por adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais. 2012.

Mobilidade/Autonomia		Homens N=443			Mulheres N=469		
		N	%	p.value	N	%	p.value
Pode ir sozinho/a							
qualquer lugar		165	44,8	0,111	75	33,3	0,021
Sim		276	37,0		394	21,1	
Não							
Já foi proibido/a de ir a							
algum lugar		170	43,5	0,398	207	28,5	0,212
Sim		273	38,1		262	18,7	
Não							
Quem proibiu		154	42,2	0,569	189	27,5	0,442
Pai/Mãe		4	50,0		6	50,0	
Companheiro/a		11	54,5		11	45,5	
Outro							
Tem hora pra chegar em							
casa		171	38,0	0,863	300	20,3	0,065
Sim		270	41,5		169	27,8	
Não							
Já viu sua mãe ser		48	60,4	0,043	92	35,9	0,004
agredida		394	37,8		376	19,9	
Sim							
Não							

Fonte: “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, Belo Horizonte, Brasil, 2012.

* Correlação significativa quando p-value=0,05 ou menor.

De fato percebe-se que o controle dos pais tende a sinalizar um efeito positivo na vida dos jovens, já que os que podem ir sozinhos a qualquer lugar tem menos chance de já terem sido agredidos, sobretudo entre as mulheres, grupo no qual a correlação é significativa. O mesmo ocorre em relação à variável “tem hora para chegar em casa”, sendo que os jovens menos controlados, são os mais vulneráveis. Em todos os casos, o controle é maior sobre as mulheres, deixando estas menos expostas à violência urbana, como já discutido anteriormente. O histórico de violência familiar aparece com uma correlação significativa para ambos os grupos. Os jovens que já viram a mãe ser agredida tem maior probabilidade de já terem se envolvido em episódios de violência.

Considerações Finais

Os dados apresentados apontam para uma pequena relação entre as variáveis sócio-demográficas e a violência entre jovens, o que pode estar relacionado ao *locus* da pesquisa, que foi realizada dentro de escolas, encontrando então um universo social e econômico mais homogêneo. Ser estudante, ao que nos parece, ainda que de escolas públicas e em regiões periféricas, já é uma condição que por si só parece ter impactos sobre o capital social/cultural, já que estudos realizados entre jovens fora das

escolas desnudam um universo de muito mais vulnerabilidade do que o encontrado na presente pesquisa.

Já em relação à desigualdade de gênero, nuances desse cenário foram de fato encontradas entre os estudantes entrevistados. Os homens são mais propícios a brigar, conhecendo-se ou não, e as mulheres são vítimas de pessoas próximas. Tem-se então dois padrões de agressão física – a pública e a privada – em que o etos da hipermasculinidade deixa os homens menos propensos a adotar práticas de civilidade e as mulheres mais expostas à violência que advém dos princípios da submissão.

Dessa forma, percebe-se que a violência física, seja no ato de cometer ou de sofrer agressões, está ligada a um problema maior, a um desajuste social. No caso deste trabalho, vimos que a escola, contraditoriamente, é o local mais citado, entre meninos e meninas, de ocorrência dos eventos de violência, bem como pode ser visto, que em famílias com histórico de violência doméstica, os jovens tem maior probabilidade de já terem se envolvido em agressões. Este cenário aponta justamente para a fragilidade das instituições socializadoras, deixando os jovens especialmente vulneráveis a diversas situações de risco.

Diante do exposto é importante sinalizar que políticas públicas de prevenção à violência devem, impreterivelmente, levar em conta as desigualdades de gênero. Além da prevenção primária, é preciso dar ênfase a projetos voltados para a população de risco e também investir em prevenção terciária, disponibilizando serviços adequados aos jovens que já tenham sido vítimas ou autores de violência, sobretudo para os que se encontram em desvantagem social. Especial atenção deve ser dada ao caso das mulheres vítimas de violência. A despeito das vigorosas expressões da violência que elas sofrem, por ser um evento eminentemente doméstico e familiar, acaba ficando na invisibilidade, no anonimato. Muitas são vítimas de exploração e abuso sexual, violência física e/ou psicológica, mas tem enorme dificuldade em denunciar seus agressores. Denunciá-los significa passar por vários obstáculos, como por exemplo, precisar sair de casa, sobretudo quando não trabalham ou quando o trabalho não as dá suporte para que possam viver sozinhas.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G.; SILVA, Lorena B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

LEVIN, Jack; FOX, James Alan. **Estatística para ciências humanas**. 9. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

MELLO, Juliana; CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a vida adulta: os jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG – Brasil, de 18 - 22 de Set. 2006.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. IN: NOVAES, Regina. VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Ed. Perseu Abramo. 2004.

ZALUAR, Alba. **Agressão física e gênero na cidade do Rio de Janeiro**. Revista